

BRUNA MENIN PUELKER

**A ELABORAÇÃO DO LUTO:
O OLHAR DA PSICANÁLISE**

BRUNA MENIN PUELKER

**A ELABORAÇÃO DO LUTO:
O OLHAR DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à instituição Centro Universitário Anhanguera,
como requisito parcial para a obtenção do título
de graduado em Psicologia.

Orientador: Lilian Sato

BRUNA MENIN PUELKER

**A ELABORAÇÃO DO LUTO:
O OLHAR DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à instituição Centro Universitário Anhanguera,
como requisito parcial para a obtenção do título
de graduado em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Leme, 12 de Dezembro de 2018

PUELKER, Bruna Menin. **A elaboração do luto: o olhar da psicanálise**. 2018. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Anhanguera, Leme, 2018.

RESUMO

O luto é caracterizado como uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano. A ideia do luto não se limita apenas à morte, mas também o enfrentamento de sucessivas perdas reais e simbólicas. O presente estudo vem, portanto, analisar e compreender como o ser humano lida com as emoções manifestadas frente à possibilidade da morte e perda de um ente querido, ou de outro objeto que tome as mesmas proporções, considerando também a importância de entender os fatores que ajudarão com que o processo de elaboração do luto aconteça de forma mais saudável, e não de uma forma dolorosa e patológica. Como objetivo geral, compreender o processo de elaboração do luto, no qual o indivíduo é sujeito após o rompimento de um vínculo, a partir da teoria psicanalítica. Entender as fases da trajetória e o processo psicoterápico para a elaboração do luto, e discutir sobre a representação da morte/luto para nossa sociedade. Com isso, a pesquisa pôde contribuir para a melhor compreensão sobre todo o processo do luto, os sintomas, sentimentos, e enfrentamentos que a sociedade está sujeita a passar. A pesquisa possuiu como método uma breve revisão de literatura, ou seja, uma pesquisa qualitativa e descritiva baseada em trabalhos publicados nos últimos vinte anos. Os locais de busca foram em livros, sites de pesquisa, e bancos de dados, como por exemplo, Scielo, Biblioteca Digital e Google Acadêmico.

Palavras-chave: Luto; Elaboração do luto; Perspectiva psicanalítica; Trabalho de luto; Representação social.

PUELKER, Bruna Menin. **A elaboração do luto: o olhar da psicanálise**. 2018. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Anhanguera, Leme, 2018.

ABSTRACT

Mourning is characterized as a loss of a meaningful link between a person and his object, a natural and constant mental phenomenon during human development. The idea of mourning is not limited only to death, but also the confrontation of successive real and symbolic losses. The present study therefore analyzes and understands how the human being deals with the emotions manifested before the possibility of the death and loss of a loved one, or of another object that takes the same proportions, also considering the importance of understanding the factors that will help to make the process and the preparation of mourning happen in a healthier way, not in a painful and pathological way. As a general objective, to understand the process of mourning, in which the individual is subject after the rupture of a bond, from psychoanalytic theory. To understand the phases of the trajectory and the psychotherapeutic process for the elaboration of mourning, and to discuss about the representation of death / mourning for our society. With this, the research can contribute to the better understanding about the whole process of mourning, the symptoms, feelings, and confrontations that society is subject to go through. The research has as a method a brief literature review, that is, a qualitative and descriptive research based on works published in the last twenty years. The search sites were in books, research sites, and databases, such as Scielo, Digital Library and Google Scholar.

Key-words: Mourning; Preparation of mourning; Psychoanalytic perspective; Mourning work; social representation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O CONCEITO DO LUTO A PARTIR DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA...	155
3. TRABALHO DE LUTO – FASES DA TRAJETÓRIA E O PROCESSO PSICOTERÁPICO.....	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
4. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE/LUTO PARA A SOCIEDADE	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.3
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	266
REFERÊNCIAS.....	277

INTRODUÇÃO

Na sociedade a única certeza em que se pode ter na vida é a morte, e mesmo diante de tal convicção, as pessoas lutam a todo o momento contra essa realidade, sempre buscando meios e alternativas para que a dor causada pela perda e ausência do outro seja cessada. O luto é caracterizado como uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano. A ideia do luto não se limita apenas à morte, mas também o enfrentamento de sucessivas perdas reais e simbólicas.

O presente estudo vem, portanto, analisar e compreender como o ser humano lida com as emoções manifestadas frente à possibilidade da morte e perda de um ente querido, ou de outro objeto que tome as mesmas proporções, considerando também a importância de entender os fatores que ajudarão com que o processo e elaboração do luto aconteça de forma mais saudável, e não de uma forma dolorosa e patológica. Reconhece-se que o luto é um processo natural, porém implica grande sofrimento na maioria das pessoas que passam por tais situações, o que pode se desenvolver transtornos e sintomas mais graves, afetando o desenvolvimento da vida diária do indivíduo, que não consegue se desprender/desvincular, ficando preso em uma das fases. Com isso, a pesquisa pode contribuir para a melhor compreensão sobre todo o processo do luto, os sintomas, sentimentos, e enfrentamentos que a sociedade está sujeita a passar.

Partindo pelo pressuposto da Psicologia, o estudo levará a compreensão do conceito de “luto” a partir da perspectiva psicanalítica, bem como entender as fases da trajetória para a elaboração do luto, e como é a representação da morte/luto para nossa sociedade.

Compreender o processo de elaboração do luto, no qual o indivíduo é sujeito após o rompimento de um vínculo, a partir da teoria psicanalítica. O estudo tem-se como objetivos específicos: Descrever o conceito de luto a partir da perspectiva Psicanalítica; Entender as fases da trajetória e o processo psicoterápico para a elaboração do luto; E discutir sobre a representação da morte/luto para nossa sociedade.

O presente estudo foi realizado empregando-se o método de uma breve revisão de literatura, ou seja, tratar-se-á de uma pesquisa qualitativa e descritiva baseada em trabalhos publicados nos últimos vinte anos. Os locais de busca foram

em livros, sites de pesquisa, e bancos de dados, como por exemplo, Scielo e Biblioteca Digital. Palavras chaves: luto; elaboração do luto; psicanálise; luto na sociedade; luto na psicanálise.

O CONCEITO DO LUTO A PARTIR DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Sabe-se que o luto é um evento constante, caracterizado pelo rompimento/perda de um vínculo significativo entre uma pessoa e seu objeto, não se limitando apenas à morte, mas sim o enfrentamento de sucessivas perdas reais e simbólicas, sendo assim um fenômeno mental natural para o desenvolvimento humano. Pensando a questão da morte/luto a partir da perspectiva psicanalítica, considera-se partir da possibilidade de representação, ou seja, da possibilidade de significação da morte no psiquismo, mais propriamente no inconsciente do indivíduo.

Partindo por esse pressuposto, Freud (1915) entende o conceito do luto como uma reação à perda, não necessariamente de um ente querido, mas de algum objeto que tome as mesmas proporções, sendo um processo natural instalado para consequentemente a elaboração da perda, que pode ser superado após algum tempo.

O luto é a reação normal e esperada nos humanos que ocorre quando da morte ou perda de alguém amado ou importante emocionalmente ou da perda de uma situação, ocupação ou abstração ou lembrança igualmente relevantes, como por exemplo, a perda da liberdade ou de um ideal de vida. É um processo que tem como objetivo incorporar à mente a perda ocorrida na realidade. Desse modo, é esperado que haja manifestações de luto sempre que algo for sentido pelo sujeito como “morte”, em grande ou pequena escala. (FREUD, 1970, p. 271-91).

O indivíduo passa por várias experiências de perdas ao longo de seu desenvolvimento, que constituem modelos de estado psíquico e são incorporados na mente, caso ocorra vivências semelhantes futuramente (CAVALCANTI, 2013).

Em “O Ego e o Id”, para Freud (1923) o ato de nascer é o primeiro estado de ansiedade, ocasionada pela separação da mãe. Na fase fálica de desenvolvimento psicosssexual, tem-se também a ansiedade de castração, que constitui na separação e na perda de um objeto altamente valioso, o falo. Essas primeiras experiências traumáticas constituem o protótipo dos estados afetivos, sendo revividos como símbolos mnêmicos em situações semelhantes.

Para Freud (1915) o luto é um processo lento e doloroso, que tem como características uma tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no

mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor.

Sendo assim faz-se necessária uma reorganização libidinal de investimento em objetos que mobiliza o eu e moções inconscientes. Como consequência, a Psicanálise confere ao luto um caráter singular, que pode ser vivenciado de diversas formas, envolvendo perdas relacionadas à morte propriamente dita, ou perdas subjetivas (FREUD, 1917).

Freud, compreendendo o luto como um processo de elaboração, considera que com o tempo o luto seria naturalmente superado e afirma: “jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele [...] confiamos que será superado após certo tempo, e achamos que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial” (FREUD, 1917, p. 129).

Na obra “Totem e Tabu”, Freud ressalta que o luto tem uma missão psíquica muito específica. Sua função é desligar dos mortos as lembranças e as esperanças dos sobreviventes. Quando isso é conseguido, o sofrimento diminui e, com ele, o remorso e as autoacusações, permitindo que um novo ciclo se inicie, inclusive porque parte do material componente da nova etapa da vida será composta pelas lembranças e identificações conseguidas mediante o convívio com a pessoa perdida.

Em “Luto e Melancolia” Freud traz a ideia de que não basta que o objeto desapareça para que haja a separação dele com o sujeito. Segundo Rivera (2012), é necessário um verdadeiro trabalho psíquico de perda, tarefa lenta e dolorosa através da qual o eu não só renuncia ao objeto, dele se desligando pulsionalmente, como se transforma, se refaz no jogo com o objeto. Ainda, para o autor, no luto nada existe de inconsciente a respeito da perda, mas sim o enlutado sabe-se exatamente o que perdeu.

Klein (1940) também traz contribuições ao conceito do luto, sem discordar das definições postas por Freud (1915), acrescentando que é por meio do luto que a perda do seio materno (primeiro luto vivenciado pelo bebê, a partir do desmame, ativando a posição depressiva do desenvolvimento) é vivenciada pela criança, e o luto adulto seria uma reativação da posição depressiva arcaica. Klein (1940) acrescenta também que o luto não se refere somente a uma perda objetiva real, mas também simbólica.

Segundo Souza e Pontes (2016), a teorização de Melanie Klein sobre o luto articula-se à constituição do eu e à posição depressiva a fim de discorrer sobre as

vivências de luto na idade adulta, enfatizando a possibilidade de se pensar o luto patológico.

O luto patológico é o estado mental decorrente da não instalação ou da interrupção do processo normal do trabalho de luto. Resulta na cronificação dos processos normais que se seguem a tais perdas, não permitindo à pessoa enlutada retomar sua vida normal como era antes da perda. Segundo os autores Eizirik, Aguiar & Schestatsky (2007):

[...] quando predominam resultados negativos por um tempo excessivo ou quando as proporções destes se tornam exageradamente grandes, complicadas, distorcidas ou atípicas, é evidente que um processo patológico está se estabelecendo, exigindo algum tipo de intervenção terapêutica. (EIZIRIK, 1998, p. 293-9).

No luto normal, o mundo é que se empobrece, já no luto patológico é o ego que está mais pobre, conforme observa Freud (1970), em “Luto e Melancolia”: “[...] a sombra do objeto cai sobre o ego, que pode então ser julgado por uma instância especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.”

Em uma releitura da psicanálise freudiana, Jacques Lacan (apud VIOLA, 2008) também traz contribuições acerca do luto. Se para Freud, o luto é apresentado como um desligamento de vínculos, na compreensão Lacaniana da perda, “essa tarefa implica na sustentação e manutenção desses vínculos, mesmo no vazio do objeto” (VIOLA, 2008, p. 49). Há uma diferenciação dos dois pontos de vista, no sentido de que, na teoria Freudiana, há um desinvestimento libidinal do objeto para substituí-lo por outro; Já Lacan (apud VIOLA, 2008, p. 51), por sua vez, toma desse princípio e acrescenta o papel do simbólico e do imaginário, pois “a tarefa consiste em manter os laços com o objeto perdido, sustentando o simbólico e o imaginário para um outro fazer com o objeto perdido”.

Segundo Peres (2006) a maior contribuição de Lacan se dá em torno do lugar da perda do objeto na estruturação do sujeito e na constituição de seu desejo, nesse sentido, Lacan desloca as concepções sobre a relação de objeto para uma teoria sobre a falta deste.

Peres (2006) então aborda a relação estabelecida por Lacan entre perda, luto e desejo, articulando-os à falta. Essa falta diz respeito não apenas ao que faz falta, mas a uma culpabilidade originária e inconsciente, uma vez que o sujeito padece de uma culpa, como se ele fosse o responsável por sua perda e aponta que, em virtude

do vazio dessa falta, o sujeito recorre ao significante, inserindo-se no universo simbólico.

Diante das visões expostas acima sobre o conceito do luto, percebe-se que o mesmo é representado por diferentes maneiras na teorização psicanalítica, variando de acordo com cada autor e sua perspectiva.

TRABALHO DE LUTO - FASES DA TRAJETÓRIA E O PROCESSO PSICOTERÁPICO

Compreende-se acima que o luto é instalado para a elaboração de uma perda, constituindo no desligamento da libido a cada uma das lembranças e expectativas relacionadas ao objeto perdido, sendo considerado um processo lento e doloroso.

Cada uma das lembranças e expectativas isoladas por meio das quais a libido está vinculada ao objeto, é evocada e hipercatexizada, e o teste de realidade exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Desta forma, o trabalho do luto é concluído quando a realidade prevalece e quando atingido certo grau de catexia, a libido é desligada e o ego se vê livre e desinibido outra vez (FREUD, 1915).

Em função do enorme dispêndio de energia e esforço requerido para dar conta das representações, dos afetos investidos e da autoimagem que deve se modificar já que a pessoa/objeto não se faz mais presente, dá-se o nome de “trabalho de luto” ao processo de elaboração do luto normal. É um processo normal, em que, lentamente a pessoa vai vivendo e colhendo informações das realidades externa e interna acerca de como viver sem o objeto perdido em todas as situações em que estava acostumada a viver com ele. (EIZIRIK, AGUIAR & SCHESTATSKY, 2007).

Segundo Kubler-Ross (1969), psiquiatra suíça, em sua obra “Sobre a morte e o morrer” identifica cinco estágios fundamentais na trajetória no qual o indivíduo passa até chegar à elaboração do luto.

O primeiro estágio é a negação, ou seja, estágio considerado como um mecanismo de defesa psíquica. Momento em que se parece impossível a perda, surgindo vários questionamentos. O indivíduo nega o problema/perda, sendo resistente/negando para entrar em contato com a realidade, como forma de adiar o sentimento da dor. (KLUBLER-ROSS, 1969).

O segundo estágio é a raiva, momento no qual qualquer palavra de conforto dita ao indivíduo soa como falsa a ele. Sentimentos como inveja, raiva, injustiça e revolta podem aparecer. Esses sentimentos são resultado da frustração produzida no indivíduo ao se dar conta de que a perda/morte realmente aconteceu, e não há o que ser feito para que a situação seja revertida. (KLUBLER-ROSS, 1969).

A barganha é o terceiro estágio, momento também conhecido como negociação da dor pela perda, onde o indivíduo tende a negociar consigo mesmo, e na maioria das vezes com Deus, por meios de sacrifícios e promessas, criando a fantasia de estar sobre o controle da situação, como forma também de aliviar a dor. No entanto, essa fase é breve, pois ela não se encaixa na realidade, o que gera um cansaço psíquico, não conseguindo sustenta-lo por muito tempo. (KLUBLER-ROSS, 1969).

No quarto estágio tem-se a depressão, momento em que o indivíduo deixa de fantasiar realidades paralelas, voltando ao presente e tomando consciência da perda, ou situação que seja inevitável e incontornável. O indivíduo sente o vazio da perda, e surgem sentimentos de forte tristeza, melancolia, desânimo, apatia, crise existencial ao considerar a irreversibilidade da perda, e falta de incentivos para continuar vivendo em uma realidade em que a pessoa/objeto não está mais presente. Geralmente o indivíduo se retira para seu mundo interno, isolando-se e com sentimento de impotência em relação à perda. (KLUBLER-ROSS, 1969).

No quinto e último estágio da trajetória tem-se a aceitação. Período em que o indivíduo aceita a perda, com serenidade, sem negação, sem revolta, sem negociação. Kubler-Ross (1969) descreve como certo grau de “tranquila expectativa”, e não deve ser confundido com um estágio de felicidade. Pode-se dizer que é quase uma fuga ou falta de sentimentos, um estado profundo de cansaço. Essa fase é muito subjetiva, dependendo da capacidade de cada indivíduo em elaborar, reorganizar e mudar a forma de absorver aquilo e preencher o vazio, olhando para outras perspectivas da vida.

Fica claro que o indivíduo não necessariamente passará por todos os estágios, e nessa ordem. O processo é subjetivo e não possui um tempo predefinido para acontecer.

Ainda que esse processo seja normal, os terapeutas são chamados muitas vezes para acompanhar pessoas que passam pelo trabalho de luto. Oliveira e Lopes (2008) consideram importante que os enlutados exponham os seus sentimentos de choque, desejo, desorganização e organização, que fazem parte do processo desde que a morte acontece até ser compreendida como real.

Então como uma figura viva, interessada e compreensiva do terapeuta, indicará como é possível tolerar momentos em que o paciente não se sente bem, talvez nem mesmo se sinta vivo, mas segue realizando suas atividades habituais. A

parte perceptível desse processo se caracteriza de início, pela repetida rememoração da perda, sempre acompanhada do sentimento de tristeza e choro. Com a evolução desse processo, nem sempre a rememoração é seguida de tristeza e choro. (EIZIRIK, AGUIAR & SCHESTATSKY, 2007).

O objetivo do trabalho psicoterápico nesses casos é o de acompanhar o caminho normal de falar, lembrar, lamentar o que não foi possível realizar com a pessoa falecida, bem como alegrar-se pelos bons momentos passados em sua companhia. Identificar o que o ente/objeto perdido representou na vida do indivíduo é também muito importante, a fim de que consiga realizar sozinho a reorganização psíquica. (EIZIRIK, AGUIAR & SCHESTATSKY, 2007).

É importante compreender também a diferença entre luto não patológico e luto patológico, no processo psicoterapêutico, isto é, quando se trata de luto não patológico, a ajuda psicoterapêutica só deve acontecer quando o próprio enlutado a solicita por não conseguir sozinho superar a perda. Quanto ao luto patológico é necessário tratamento, através do qual a pessoa deve ser encorajada a expressar os seus sentimentos, para que possa desbloquear e seguir em frente (Oliveira, & Lopes, 2008).

Segundo os autores Eizirik, Aguiar & Schestatsky (2007) em qualquer situação faz-se necessário tentar identificar o que se perdeu na vida do paciente que procura auxílio por ocasião da morte de alguém. Nos casos de melancolia, uma especificidade deve ser levada em consideração no que tange a capacidade cognitiva da pessoa enlutada. Sabe-se que na depressão, a capacidade de inferir os estados mentais do outro ou identificar seus próprios, estão provisoriamente diminuídas, já que a libido está investida no ego, a fim de resgatar os aspectos narcísicos empregados na pessoa ausente. Porém, essa habilidade, assim como o brincar, existe na escala evolutiva a partir dos primatas, está inativa nas crianças pequenas e é desenvolvida no contato interpessoal com os cuidadores iniciais. Todavia, fica muito prejudicada no trabalho de luto e na melancolia.

São períodos de maior irritação e menor tolerância do que o indivíduo costumava ter, os quais podem durar meses. Ao fim do trabalho de luto, essa capacidade é recobrada, pois o mundo que parecia empobrecido volta a interessar, e para tanto, é requerido do sujeito novamente tentar compreendê-lo, razão para que, mais uma vez, se tente colocar no lugar do outro, empatizando com as variadas situações novas que a vida apresenta. (EIZIRIK, AGUIAR & SCHESTATSKY, 2007).

Nesse momento do processo terapêutico, é importante que o terapeuta tenha em mente quando trabalhar e de que forma trabalhar com esses pacientes enlutados, onde há uma diminuição da atenção e da capacidade cognitiva de empatizar com o outro.

Eizirik, Aguiar & Schestatsky (2007) ressalta a importância de haver um espaço, na psicoterapia, para a presença dos elementos culturais específicos de cada indivíduo, a cada família e cada tradição em que se insere. Os rituais desempenham um importante papel na elaboração do luto e devem ser observados como indicadores da evolução das relações como o objeto perdido. Quando um luto consegue ser razoavelmente elaborado, haverá o momento em que o luto pelo próprio tratamento se instala, e este também será útil para a retomada da vida e das demais relações.

A duração desse fenômeno é variável, embora constatado que sua elaboração é sempre lenta e acompanhada de graus variáveis de falta de interesse pelo mundo exterior, de tristeza e de seus corolários, que vão diminuindo conforme o processo avança.

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE/LUTO PARA A SOCIEDADE

A morte é a única situação da vida humana que não dispensa um ritual (FRAZER, 1978), tendo sido estudada tanto do ponto de vista do desenvolvimento normal como de expressão da cultura. Isso se deve ao fato de que nos é impossível representar a própria morte. Para Kóvacs (1992), a morte de outra pessoa se traduz na possibilidade de experiência da morte em vida.

Segundo Green (2007), o homem não consegue saber o que é a morte, nem consciente, nem inconscientemente. Do mesmo modo que não concebe o infinito no espaço ou no tempo, o afeto não compreende aquilo que a razão acredita saber.

O luto está diretamente relacionado ao luto como processo social, enquanto processo individual. Isso se dá devido a cada indivíduo estar inserido em uma sociedade que exerce influência sobre todos os sentimentos e comportamentos gerados pela comoção da perda de uma pessoa.

Desta maneira, percebe-se que a elaboração psicológica do luto está grande parte ligada à maneira como determinado grupo social pensa sobre a morte e se comporta diante dela. Pode-se citar como exemplo uma cultura no qual tem a representação da morte como algo tranquilo, e sendo parte da ordem natural das coisas, os lutos tendem a ser menos sofridos. Já em culturas que tem a morte representada como o afastamento indesejável de uma pessoa querida, os sentimentos tendem a ser mais intensos, e o luto mais doloroso e sofrido.

A importância da morte transparece para qualquer sociedade através de toda a mobilização que um falecimento gera. Esta mobilização envolve as emoções que a perda provoca, bem como crenças, rituais e comportamentos relacionados à morte. Usando como exemplo os costumes brasileiros de hoje, percebemos que o falecimento de uma pessoa geralmente desperta tristeza e consternação, especialmente naqueles que lhe eram mais próximos. A comoção, contudo, geralmente é atenuada pela crença que a alma do morto foi para um “outro lugar”, pensado como melhor do que o mundo dos vivos.

É comum encontrar nos dias atuais, nos meios de comunicação em massa, cenas de morte que denotam imediatismo, comoção e estimulam emoções variadas entre os telespectadores. Porém vivemos em um paradoxo, ao mesmo tempo em que a morte encontra-se amplamente divulgada através de filmes e jogos, ela também pode ser sucumbida entre as instituições, hospitais e asilos.

Segundo Philippe Ariès (1982), até o começo do século XX, a função atribuída à morte e a atitude diante da morte, eram praticamente as mesmas em toda a extensão da civilização ocidental. Esta unidade foi rompida após a Primeira Guerra Mundial. As atitudes tradicionais foram abandonadas pelos Estados Unidos e pelo noroeste da Europa industrial, sendo substituídas por um novo modelo do qual a morte foi expulsa. Em contrapartida, os países predominantemente rurais, que, aliás, eram muitas vezes católicos, permaneceram-lhes fiéis.

O interdito da morte parece ser solidário com a modernidade, acompanhando os progressos da industrialização, da urbanização e da racionalidade. A sociedade produziu os meios eficazes para se proteger das tragédias quotidianas da morte, a fim de ficar livre para prosseguir em suas tarefas sem emoções nem obstáculos.

Três fenômenos acompanham o tratamento da morte na modernidade, segundo os sociólogos e historiadores da morte, quais sejam: 1. A ocultação da morte, isto é, o seu banimento da sociedade. Tudo ocorre como se a morte não existisse, e tal ideia é veiculada pelos meios de comunicação de massa. 2. A transferência para o hospital, onde a morte é escondida. 3. A extinção do luto. (TAMURA, 2006)

Segundo Gorer (1965), hoje a morte e o luto são tratados com a mesma probidade que os impulsos sexuais há um século, é preciso aprender a dominá-los.

Hoje admite-se, como perfeitamente normal, que homens e mulheres sensíveis e razoáveis possam perfeitamente se dominar durante o luto pela força de vontade e caráter. Já não têm, portanto, necessidade de manifestá-lo publicamente [...] tolerando-se apenas que o façam na intimidade e furtivamente, como um equivalente da masturbação. (GORER, 1965, p. 633).

Diante ainda das palavras do autor Gorer (1965), a manifestação pública do luto é, hoje, considerada mórbida, como uma doença. Aquele que o demonstra, prova fraqueza de caráter. O período de luto já não é o do silêncio do enlutado no meio de um ambiente solícito e indiscreto, mas do silêncio do próprio ambiente: o telefone deixa de tocar, as pessoas o evitam. O enlutado fica isolado em quarentena.

Observa-se hoje que cada vez menos as pessoas tem disponibilidade para falar e elaborar suas frustrações e dores, mas buscam facilmente banalizar este mesmo sentimento.

A representação da morte na sociedade na atualidade, não é apenas uma morte interdita que precisa ser reumanizada e reincluída na dinâmica simbólica social e individual. Ela se amplificou e se tornou extremamente contraditória, expressando simultaneamente tendências de isolamento com arroubos impulsivos e excessivos na direção de sua violenta celebração. Sua concretude e imediatez permitem facilmente a massificação e a banalização, caindo em pura barbárie, fazendo com que a subjetividade contemporânea esteja sempre no limiar do absurdo e da ruptura.

Com isso, a humanização do discurso sobre a morte ganha novos contornos e nuances, o que torna ainda mais necessário a discussão, compreensão e simbolização das questões da morte e do morrer, tanto no nível individual quanto no nível das ligações simbólicas sociais que podem amparar nosso eterno e constitutivo desamparo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do tema desta pesquisa foi o de analisar e compreender o processo e a elaboração do luto, e como o ser humano lida com as emoções manifestadas frente à possibilidade da morte e a perda de um ente querido ou de outro objeto que tome as mesmas proporções.

A partir da pesquisa feita sobre a perspectiva psicanalítica pode-se ser percebido que há diversidade de perspectivas na abordagem do luto e que o mesmo é representado por diferentes maneiras na teorização de acordo com cada autor, com complementações e contribuições a cada olhar, porém em torno de mesma ideia.

Foi compreendido também sobre a trajetória do trabalho de luto, bem como seus estágios para sua elaboração, concluindo que o indivíduo não necessariamente passará por todos eles, sendo um processo subjetivo, não possuindo um tempo predefinido para acontecer.

Em relação a representação do luto para a sociedade, foi compreendido que a elaboração psicológica do luto está grande parte ligada a maneira de como determinado grupo social pensa sobre a morte e se comporta diante dela. O luto está diretamente relacionado ao luto como processo social, enquanto processo individual. Isso se dá devido a cada indivíduo estar inserido em uma sociedade que exerce influência sobre todos os sentimentos e comportamentos gerados pela comoção da perda de uma pessoa.

Contudo, o indivíduo deve voltar ao estado em que se encontrava antes da perda, ou o mais próximo possível, seja com o ego desinibido para novos investimentos no mundo externo, seja com o mundo interno harmonioso e bem estabelecido de objetos bons. A perda de algum objeto amado traz, ainda que momentânea, a fragmentação e desestruturação do sujeito. Portanto, é possível concluir que o luto é um processo de reconstrução e reorganização diante de uma perda, desafio psíquico com o qual o sujeito tem de lidar.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- CAVALCANTI, Andressa K. S.; SAMCZUK, Milena L. e BONFIM, Tânia E. – **O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein**. Psicólogo InFormação. ano 17, n, 17 jan./dez. 2013.
- EIZIRIK, C. L.; AGUIAR, W. R.; e SCHESTATSKY, S. S. **Psicoterapia de orientação psicanalítica: fundamentos teóricos e clínicos**. Artmed. São Paulo. 2007
- EIZIRIK, C. L.; MICHELS A. M. M. P.; GAZAL, C. H. **Psicoterapia do luto normal e patológico**. In: Cordioli AV. Psicoterapias: abordagens atuais. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998. p. 293-9.
- FRAZER, J. G. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1978. Versão ilustrada.
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In:_____. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.
- FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923). In:_____. **O Ego e o ID e outros trabalhos (1923-1925)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 33-40.
- GORER, G. **Death, Grief and Mourning in Contemporary Britain**. Nova Iorque Doubleday, 1965.
- GREEN, A. Postface. In: Green A. Narcissisme de vie, narcissisme de mort. Paris: Minuit; 2007.
- KLEIN, Melanie. O desmame (1936). In_____. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras Completas de Melanie Klein. Vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KOVÁCS, M. J., coordenador. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1992.
- OLIVEIRA, J.B.A., & Lopes, R.G:C. (2008). **O processo de luto no idoso pela morte d cônjuge e filho**. Psicologia em Estudo. N13, nº2, p.217-221. Acedido a 26 de Fevereiro de 2016 em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2>
- PERES, U. T. (2006). **Depressão e Melancolia**. Brasil: Editora Zahar.
- SOUZA, Taiz. **Luto: As cinco fases de Elisabeth Kubler Ross**. Disponível em: <<http://www.psiconlinews.com/2017/07/luto-as-5-fases-de-elisabeth-kubler-ross.html>> Acesso em: 2 jul. 2017.

SOUZA, Andressa M. S.; e PONTES, Suely A. **As diversas faces da perda: o luto para a Psicanálise.** *Analytica*. São João del-Rei. v. 5, n. 9, p. 69-85. Julho/Dezembro.

TAMURA, Celia . **O Recalcamento da Morte na Contemporaneidade.** Campinas-SP: IEL-UNICAMP, 2006 (Artigo de Crítica Literária).